

—◆—◆—◆—

Mergulho

CEGO EM

PISCINA

vazia

—◆—◆—◆—

Jéssica Barbosa



Mergulho
CEGO EM
PISCINA
vazia



© EDIPUCRS 2018

CAPA
Thiara Speth

REVISÃO DE TEXTO
Fernanda Lisbôa

**IMPRESSÃO E
ACABAMENTO**
Gráfica Epecê

DIAGRAMAÇÃO
Camila Provenzi

COORDENADOR EDITORIAL
Antonio Carlos Hohlfeldt

Edição revisada segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



Este livro conta com um ambiente virtual, em que você terá acesso gratuito a conteúdos exclusivos.

Acesse o QR Code e confira!

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238m Barbosa, Jéssica
Mergulho cego em piscina vazia / Jéssica Barbosa. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2018.
86 p.

ISBN 978-85-397-1164-2

1. Teatro Rio-Grandense. 2. Literatura Rio-Grandense.
I. Título.

CDD 869.9927

Loiva Duarte Novak – CRB-10/2079 Setor de Tratamento da Informação da BC-PUCRS.

Todos os direitos desta edição estão reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial, em qualquer meio, com base na Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, Lei de Direitos Autorais.

CONSELHO EDITORIAL EDIPUCRS

Chanceler Dom Jaime Spengler

Reitor Evilázio Teixeira | **Vice-Reitor** Jaderson Costa da Costa

Carla Denise Bonan (Presidente), Luciano Aronne de Abreu (Editor-Chefe), Antonio Carlos Hohlfeldt, Augusto Mussi Alvim, Cláudia Musa Fay, Gleny T. Duro Guimarães, Helder Gordim da Silveira, Lívia Haygert Pithan, Lucia Maria Martins Giraffa, Maria Eunice Moreira, Maria Martha Campos, Nythamar de Oliveira, Walter F. de Azevedo Jr.

 **ediPUCRS**

Editora Universitária da PUCRS

Fone/fax: (51) 3320 3711

E-mail: edipucrs@pucrs.br

Site: www.pucrs.br/edipucrs

PREFÁCIO

MERGULHO CEGO EM PISCINA VAZIA é a primeira publicação dramatúrgica de Jéssica Barbosa, jornalista e graduanda de Direção do curso de Teatro da UFRGS, onde desde 2015 integra o Grupo de Pesquisa em Escrita Dramatúrgica do Departamento de Arte Dramática (DAD-UFRGS), contexto no qual o presente texto emerge. Nos estudos em dramaturgia do grupo, busca-se congregiar teorias e experimentações práticas de escrita, com o propósito de investigar impulsos, mecanismos e instrumentos propulsores à criação. As tessituras características do drama contemporâneo são exploradas em processos e fábulas que não se fecham em si mesmos, brincando com os limites da identidade dos personagens e da própria ação. Nesse sentido, a autora se destaca pela capacidade de reinventar formas, mesclar linguagens e transformar em palavras as inquietações distintivas de nosso tempo.

O texto em questão apresenta quatro personagens que se despertam em um aeroporto sem se lembrar de quem são. A metáfora de um lugar de passagem, encontros e despedidas, lugar de atrasos, malas e ansiedades é o cenário escolhido pela autora para explorar as possibilidades de seguirmos vivos mesmo após o borramento do eu. O que acontece quando existimos sem ter ideia de quem somos, sem lembranças, sem passado, restando apenas o vazio e a nossa capacidade de imaginar e de sonhar. A tecnologia e a ciência que prometem dar conta daquilo que não conseguimos mais suportar, mesmo que o intolerável sejamos nós mesmos. A nostalgia do eu, do que nunca chegamos a ser. A melancolia das possibilidades, do abandono. “7236J – [...] Se você perceber que não gosta nenhum pouco de quem você é? / 9812F – Eu sinto saudade. / 7236J – Saudade do quê? Você não se lembra de nada. / 9812F – Eu sei. É só uma falta. Uma ausência. Não sei explicar.”

Vozes que se mesclam, diálogos entrecortados, interrompidos, personagens que são códigos, uma tradução do humano quando reduzido a números e atrelado a um valor de mercado. O consumismo que tenta preencher a existência. A solidão. “7236J – Deveríamos gastar este dinheiro.

Quem precisa de memórias? Quem precisa de identidade quando se tem o dinheiro que temos?” E, depois de dias de consumo, o que nos resta? Até aonde vão nossa energia e capacidade de fingir que não vemos o que está acontecendo. Os vícios de tantos tipos. As fugas. A angústia do esquecimento. A vontade de lembrar. Um texto que se abre a diferentes tipos de entendimento e interpretação. O impulso de enfrentar a vida, o mundo de fora. Mais uma vez o medo, a renúncia, o vazio. A dramaturgia de Jéssica apresenta-se em seu caráter fragmentário, exigindo que o leitor faça sua interpretação a respeito do que ocorreu com as personagens e imagine finais exequíveis. Não há respostas, e sim uma plêiade de significações possíveis. Um texto atual e provocativo não só quanto ao conteúdo que engendra, mas especialmente face à forma como resgata matizes do teatro do absurdo e existencialista, nos deixando à mercê de nossas próprias covardias e impotências.

Uma leitura instigante, parte desse belo movimento de jovens dramaturgas que estão ocupando seu espaço, trazendo novas vozes, linguagens e possibilidades ao panorama do drama nacional.

Camila Bauer